

LUÍS EVANDRO HINRICHSEN¹

A DIMENSÃO FORMATIVA DO BELO
O LUGAR DA VIVÊNCIA ESTÉTICA NA EPISTEMOLOGIA DO
DE ORDINE

Em que palavras poderiam caber essa formosura e utilidade outorgada pela liberalidade de Deus que, sem dúvida, não faltam no homem, embora prostrado em meio a misérias e trabalhos e condenado a eles? [...] Falaríamos da variada formosura do céu, da terra e do mar, da abundância e majestade da luz, do Sol, da Lua e das estrelas, frondosidades dos bosques, das cores e dos perfumes das flores, da diversidade e multidão das aves palradoras e pintadas de cores vivas, desses mil e um gêneros de animais tanto mais maravilhosos, quanto pequenos, [...] do enorme espetáculo do mar, quando veste seu traje de mil e uma cores, às vezes verde com vários matizes, às vezes azul. Com prazer contemplamos também quando se enfurece; depois nasce a calma, porque encanta o espectador, contanto que não abata e combata o navegante! CD XII, 24, 5.

Resumo: O diálogo *De Ordine*, singular exemplo do otimismo metafísico agostiniano relativo à criação, indica existência de beleza em todas as regiões do universo, caracterizada pela harmonia e governo providente dos números. Entender o significado da criação, das obras de arte e da alma humana, supõe decifrar o segredo da beleza onipresente, percebendo no visível, a presença do inteligível e, no inteligível, o divino. Nessa tarefa de captação da beleza seremos auxiliados pelo aprendizado das artes liberais. O retórico de Hipona propõe uma epistemologia e decorrente pedagogia, em que o Belo é via de acesso privilegiada à compreensão do *cosmos*, das obras de arte, de si mesmo e do divino.

Palavras-chave: Ordem, Beleza, Universo, Artes liberais, pedagogia do belo.

¹ Luís Evandro Hinrichsen: Doutor em Filosofia e Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Avenida Ipiranga, 6681 – Prédio 05 – Sala 206, Porto Alegre, RS, Brasil, CEP: 90619-900. E-mail: luis.hinrichsen@pucrs.br

Abstract: The dialogue *De Ordine* – a unique example of metaphysical Augustinian optimism concerning creation – points to the existence of beauty in all the regions of the universe, which are characterized by the harmony and government provided by numbers. Understanding the meaning of creation, the works of art, and the human soul, presupposes deciphering the secret of omnipresent beauty, by perceiving the presence of what is intelligible in what is visible, and what is divine in the intelligible. In this task of grasping beauty, we are helped by learning about liberal arts. Hypona's rhetoric suggests some epistemology and subsequent pedagogy in which Beauty leads to understanding the *Cosmos*, the works of art, oneself and the divine.

Keywords: Order, Beauty, Universe, liberal arts, pedagogy of Beauty.

INTRODUÇÃO

Aurélio Agostinho, filho da África Latina, romano por formação e cristão por decisão, é, desde sempre, um esteta. Encontramos, na obra agostiniana, inúmeras descrições das multiformes manifestações da beleza, comovedoras e reveladoras de singular sensibilidade. O retor de Tagaste bebeu nas fontes da cultura romana, desenvolveu a capacidade de apreciar as obras de arte e percebia na criação, sobremaneira, a Beleza de Deus, fonte de todas as belezas criadas. Nessa direção, a beleza– epifania do divino – ao publicar o seu autor, nos convida contemplá-la, admirá-la, amá-la e cuidá-la.

Encontramos nos escritos de Cassicíaco, recorrente preocupação relativa à educação da razão e sensibilidade, considerando a unidade da vida humana e suas reivindicações. Em *De Ordine*, especialmente, descobrimos epistemologia e pedagogia voltadas à edificação integral do humano, orientadas à educação da razão e vontade, articuladoras de progressiva ascensão, via beleza pela mediação das disciplinas liberais, a Deus, fonte de tudo aquilo que é.

As artes liberais, se cultivadas segundo a moderada erudição, geram disciplina e tornam o ser humano partícipe da Sabedoria. É nosso desejo, enfim, investigar a classificação das disciplinas liberais segundo o projeto do *De Ordine*, inquirindo suas implicações ético-pedagógicas e destacando o papel da experiência estética² na formação do ser humano.

O filho de Mônica, herdeiro de Platão e Plotino, mas filiado à Tradição bíblica, pensa a vivência do Belo como privilegiado momento de conversão da razão e vontade, ouvidas as legítimas reclamações postuladas pela inquieta condição peregrina do homem. No itinerário de realização do humano, pensamos, Santo Agostinho privilegia, originalmente, a dimensão estética da existência. Procuraremos, no presente estudo, destacar a importância das artes liberais na decifração do Belo e no cultivo do humano.

1. A PEDAGOGIA DO AMOR DE PLATÃO E PLOTINO, PRECURSORES DO HIPONENSE

Aurélio Agostinho, em *De Ordine*³, ao propor uma classificação das artes liberais – perscrutando o itinerário condutor à virtude e felicidade – atribui ao Belo singular mediação na progressiva ascensão à alma e a Deus. Platão, já no Banquete⁴, ao

² Experiência estética ou vivência intencional do Belo. Vivência segundo a unidade do humano: mente e corpo, sentidos e faculdades espirituais.

³ Diálogo escrito em 386 e pertencente ao período de Cassicíaco. No Livro I, o doutor norte-africano discorre sobre a ordem universal, o mal e a providência. No Livro II, merece destaque sua preocupação com as disciplinas liberais, a vida virtuosa e a felicidade.

⁴ PLATÃO propõe pedagogia do amor quando afirma: «Eis, com efeito, no que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que se servindo de degraus, de um só para dois e de dois para todos os corpos belos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as ciências, que nada mais é senão do próprio Belo, e conheça, enfim, o que é em si

examinar as relações existentes entre *Eros* e *Logos*, sugere progressiva ascensão cujo ápice consiste no amor ao Belo em si, ao Belo sem mudanças ou oscilações, ao Belo sem ocaso. Plotino, igualmente, apresenta a gradativa subida ao Uno pela via dialética⁵ ou pela via estética⁶, convidando ao cultivo do Belo e ao retorno à interioridade⁷. Santo Agostinho, tendo vivido no período tardo-romano, legatário da herança platônica, mas filiado à Tradição cristã, interpretaria com originalidade as propostas de Platão e

Belo» («O Banquete». Trad. José Cavalcante de Souza. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 211c-d). Eros (desejo) é o princípio da transcendência, necessita, todavia, receber a orientação de *logos* (razão). Os movimentos do amor, assim, serão consequentes. Quando *logos* orienta *eros*, em suma, o processo de transcendência alcança seu escopo, pois o amante, desde o amor aos belos corpos, gradativamente, conquista o amor do Belo em si. Amar adequadamente, em consequência, implica em – divinizando-se – chegar ao Belo sem ocaso, fonte de todas as manifestações inteligíveis e sensíveis de beleza.

⁵ Conferir quando Plotino examina o caminho percorrido pelo músico, pelo amante e pelo filósofo ao Uno. Cf. PLOTINO. *Enneadi*, I 3, 1-6. Trad. Giuseppe Faggin. Milão: Bompiani, 2000.

⁶ Onde propõe a beleza como privilegiado caminho ao Uno. Cf. PLOTINO *Enéadas*, I 6, 1-9.

⁷ PLOTINO proclama: «Retorna a ti mesmo e olha. E, se não te vês ainda belo, então, como o escultor de uma estátua que deve tornar-se bela, retira aqui, raspa lá, pule isto e limpa aquilo, até que no mármore apareça a bela imagem: como ele, retira todo o supérfluo, alinha tudo o que é torcido, limpa e brilhanta tudo o que é escuro e não cesses de esculpir a tua própria estátua, até que se acenda em ti o divino esplendor da virtude, até que vejas a temperança sentada sobre um trono sagrado. Se tu te transformaste nisto, se tu vês tudo isto, será pura a tua interioridade [...] se tu te transformaste completamente numa luz verdadeira, não numa luz de grandeza ou forma mensurável, que pode diminuir ou aumentar indefinidamente, mas numa luz totalmente sem medida, porque superior a cada medida e a cada qualidade; se tu vês deste modo, tu te tornaste uma visão, tem confiança em ti; embora permanecendo aqui, hás subido ao alto, e não tens necessidade de um guia. Fixa teu olhar e contempla» (*Enéadas*, op. cit, I 6, 9, 35). Se ainda não és belo, convida PLOTINO, retorna a ti mesmo e, tal como um escultor, retira tudo o que é supérfluo, cultiva a ti mesmo, torna-te virtuoso, torna tua alma bela, capaz, assim, de contemplar o Uno. Pelas vias da dialética e da erótica, pelo cultivo das virtudes, a alma faz-se bela, se diviniza e, já neste mundo, contempla a Deus.

Plotino, valorizadoras do erótico e do belo, vias de acesso ao inteligível e ao divino⁸.

2. ORDEM E BELEZA: MARCAS NO DIVINO NO UNIVERSO

O *Diálogo da Ordem* é singular exemplo do otimismo metafísico do filho de Mônica relativo à criação. No universo criado, tudo está disposto com unidade e ordem, testemunhando beleza e bondade presentes em todos os níveis e regiões da criação. Até os pequenos insetos estão formados por membros equilibradamente dispostos e relacionados, capazes de anunciar proporção e harmonia⁹. A criação, rítmica e bela, revela o governo providente da ordem, pois em toda parte reina regularidade, há medida¹⁰. Entrementes, por exemplo, se é preciso tomar distância para vermos e compreendermos a beleza de um mosaico; analogamente, frente à criação, também é necessário exercitar esse ver em abrangência¹¹. No cosmo criado tudo está bem-disposto, inclusive o que nos parece disforme, pois a ordem atua através da distinção¹². Os poetas, da mesma maneira, utilizando barbarismos e solecismos no exercício da liberdade literária, atingem o belo através da distinção¹³.

O ser humano, nessa perspectiva, necessita continuamente aprender a ver e entender o significado da criação, das obras de arte, de si mesmo, dos inteligíveis e da ordem divina. Ordem divina

⁸ Compreendido, em seu grau máximo, seja como Bem, seja como Uno.

⁹ Cf. *Diálogo sobre a Ordem*. Trad. Paula Oliveira e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. Doravante *D.O.*

¹⁰ Cf. *D. O.* I, VIII, 26: «onde não há uma sombra de estabilidade? Onde não há uma imitação daquela beleza tão verdadeira? Onde não há medida?» (Ubi non umbra constantiae? Ubi non imitatio verissimae illius pulchritudinis? Ubi non modus?).

¹¹ Cf. *D.O.* I, I, 2.

¹² Cf. *D.O.* II, IV, 12.

¹³ Cf. *De Ordine* II, IV, 13.

que, através do governo dos números e pela distinção¹⁴, dispõe todas as coisas bela e convenientemente. E, na tarefa de captação da beleza em todas as regiões de sua manifestação, seremos auxiliados pela moderada erudição proporcionada pelo aprendizado das artes liberais.

3. AS ARTES LIBERAIS E O CULTIVO DO HUMANO

Em *De Ordine*, os debates sobre a ordem cósmica e a virtude dirigem as reflexões na direção do exame do papel das disciplinas liberais na formação do humano. As disciplinas liberais confirmam, despertam e tornam mais perseverantes os amantes da Verdade, na sua interminável busca¹⁵. Através de exercício racional, metódico e exigente, ao compreendermos a ordem providente que governa todas as coisas, ao contemplarmos os inteligíveis, nos habilitamos à vida autárquica pela conquista de vida moderada, nos elevando, por conseguinte, à Suprema Medida¹⁶, nutridos e convertidos à Filosofia.

A razão, enquanto movimento da mente, distinguindo e relacionando as coisas, conhece e aprende¹⁷. As disciplinas liberais, nesse processo de aprendizagem pela distinção e relação, unificando conhecimentos dispersos, conduzem o ser humano dos sensíveis aos inteligíveis e a Deus. E, quem se tiver dedicado, desde cedo, com empenho e perseverança ao estudo, poderá ser,

¹⁴ Pela distinção o múltiplo é reunido em uma unidade maior, as diferenças são assumidas pela totalidade cósmica, as oposições tornam-se harmonia. Deus, pelo governo dos números, tudo dispõe convenientemente. É preciso aperfeiçoar o olhar da alma para que, percebendo a providência, presente em todas as regiões do universo, compreenda como as oposições tornam-se harmonias. Cada indivíduo, em resumo, acaba por encontrar sua posição na ordem da criação, na totalidade cósmica amada por Deus.

¹⁵ Cf. *D.O.* I, VIII, 24.

¹⁶ Cf. *D. O.* II, V, 14.

¹⁷ Cf. *D. O.* II, XI, 30.

com justiça, nomeado de erudito, pois conquistou saber cultivado segundo a justa medida e ordenado ao conhecimento e proveito da vida¹⁸.

A razão, olho da alma, segundo Aurélio Agostinho, naturalmente se volta à captação do belo e do suave pelo exercício da visão e da audição¹⁹, espontaneamente capta proporção e equilíbrio²⁰, apreende – a partir das impressões sensíveis – o conteúdo inteligível ali manifesto.

Nesse processo de captação e comunicação da beleza – pela via da simetria e do equilíbrio – a razão inventou as artes liberais. Para registrar os conteúdos sonoros, verificando que as palavras ausentes não poderiam ser ouvidas, a razão deu à luz as letras, tendo assinalado e distinguido, com o auxílio dos números, os sons da língua e da boca²¹. Nascia, portanto, a profissão dos copistas e calculadores, que são uma espécie de infância da gramática, e a que Varrão chama de estudos elementares (*Litteratio*)²². Prosseguindo, a razão estabeleceu os princípios da gramática e criou a historiografia²³.

Continuando, atenta à intromissão da falsidade no discurso, a razão inventou a dialética²⁴, a disciplina das disciplinas, que nos ensina a aprender, manifestando, assim, o quanto ela mesma vale. Instituiu a retórica, almejando sensibilizar número maior de

¹⁸ Cf. *D. O.* II, XVI, 44.

¹⁹ Cf. *D. O.* II, XI, 33.

²⁰ Cf. *D. O.* II, XI, 34: «vide, por exemplo, como nosso olhar persegue a correta disposição das janelas num prédio, na busca do equilíbrio».

²¹ A razão percebeu que deveria impor nomes às coisas [*vidit esse imponenda rebus vocabula*], valendo-se, para tanto, de alguns sons significantes [*id est significantes quosdam sonos*] captáveis pelos sentidos e decodificáveis pela mente.

²² Cf. *D.O.* II, XII, 35.

²³ Cf. *D.O.* II, XII, 37.

²⁴ Cf. *D.O.* II, XIII, 38.

homens e, em consequência, fossem instruídos pela comoção suscitada²⁵.

Diante dos belos sons proferidos e decodificados, a mesma razão estabeleceu a poesia, regra da ordenação dos sons segundo pés e acentos, tendo os gramáticos como juízes²⁶. No seu itinerário, ao verificar que a mente decodifica sons externos segundo números internos²⁷ organizando-os num tempo pretérito impresso na memória, a razão resolve denominar essa disciplina, participe da percepção sensorial e do entendimento, por *Música*, por serem as Musas, filhas de Júpiter e da Memória, suas inspiradoras²⁸.

A seguir analisou os recursos dos olhos e, tendo visto a terra e o céu, descobriu que nada lhe agradava senão a beleza; na beleza, as figuras; nas figuras, as proporções e, nas proporções, os números. Dessa constatação nasceu a geometria. Examinando, igualmente, os movimentos dos astros nos céus, realizados conforme alternâncias constantes e obedecendo a tempos regulares ao percorrer distâncias fixas, a razão criou a astronomia.

²⁵ Cf. *D.O.* II, XIII, 38.

²⁶ Cf. *D.O.* II, XIV, 40.

²⁷ Os sons da natureza ou aqueles emitidos pelos seres humanos no canto ou fala são decodificados segundo números internos, ou seja, segundo os números inteligíveis que, presentes nas coisas sensíveis, são a sua forma. Apreendemos, com a Inteligência, portanto, significados presentes nos sons emitidos e decodificados racionalmente ou segundo os números inteligíveis.

²⁸ O doutor norte africano esclarece: «E visto que experimentava que aquilo que a mente vê é sempre presente e imortal – deste gênero se mostravam os números – e o som, porque é uma coisa sensível, se difunde num tempo pretérito e se imprime na Memória, por uma mentira razoável (já que a razão favorece os poetas) fingiu-se que as musas eram filhas de Júpiter e da Memória. Daí que esta disciplina que participa do sentido e do entendimento, tenha descoberto o nome de música». Cf. *D.O.* II, XIV, 41. [Et quoniam illud, quod mens videt, semper est praesens et immortale adprobatur, cuius generis numeri apparebant, sonus autem, quia sensibilis res est, praeterfluit in praeteritum tempus imprimiturque memoriae, rationabili mendacio, iam poetis fauente ratione, Iovis est Memoriae filias Musas esse confictum est. Unde ista disciplina sensus intellectusque particeps musicae nomen invenit].

Verificando que todas essas disciplinas existiam em função dos números inteligíveis referenciados à unidade, indagando pelo primeiro princípio, a razão estabeleceu a aritmética. E, finalmente, através da Filosofia, ciência síntese, exercício dialético por excelência, deu-se conta de que esses números e a unidade, concebíveis pela alma, encontram sua origem em Deus, a Unidade Perfeita²⁹.

A razão ama e busca a unidade, seja em si mesma, no universo, nos inteligíveis e, sobretudo, em Deus. E através da Filosofia, nos seus momentos de análise (separando) e síntese (unindo), tendo compreendido que em todas as regiões do real reina o número e a unidade, busca-a, ambiciona compreendê-la, aspira amá-la³⁰. Deseja amar a unidade, não apenas fazendo coisas harmônicas, mas entendendo o que é a harmonia³¹.

A mente racional, em resumo, desenvolveu a gramática, a dialética e a retórica, ordenou os sons, inventou a música e a poesia, instituiu os princípios da geometria e da astronomia, percebeu que todas as artes liberais buscam a beleza, manifesta lá onde reinam os números e se faz presente a *Unidade*. As disciplinas liberais³², destacamos, encaminham-nos à Filosofia, ciência dialética por excelência, permitindo, finalmente, a contemplação do Uno e capacitando-nos a ver e a inteligir todas as coisas integrativamente.

O exercício contínuo das artes liberais permite, portanto, a educação da razão – olho da alma – para que perceba o significado de todas as coisas. A descoberta gradativa da verdade, através das artes, possibilita o desenvolvimento de visão integrativa que inclui

²⁹ Cf. *D.O.* II, XVII, 47-48 e *Soliloquia* I, II, 7.

³⁰ Cf. *D.O.* II, XVIII, 48.

³¹ O reitor de Milão afirma: «Portanto, não é fazendo coisas harmônicas que eu sou melhor, mas é conhecendo as harmonias» [Non ergo numerosa faciendo, sed numeros cognoscendo melior Sum]. Cf. *D.O.* II, XIX, 49.

³² Cf. *D.O.* II, 12, 35.

todas as realidades. As ações humanas também são inseridas nessa rede harmônica que denominamos cosmo ou mundo – na qual tudo é positivado – pois prevalece a ordem do ser. Mundo, totalidade ordenada, governado providentemente por Deus, criador amoroso de tudo o que é. Criador liberal que a tudo governa priorizando, sempre, o Ser e a vida sobre todos os vestígios de desarmonia, finitude, não ser. Pelas artes liberais, constatada que em todas as regiões da criação há harmonia ou beleza, seus cultivadores são convidados a imitar, através de pensamentos e atos, o belo ritmo contemplado. As artes liberais, em resumo, educam razão e vontade, ou seja, a pessoa em sua integralidade na direção da virtude e conseqüente vida feliz.

4. O LUGAR DAS BELAS-ARTES NO PROJETO PEDAGÓGICO DO *DE ORDINE*

Cumprido nosso esforço de explicitação da epistemologia presente no *Diálogo sobre Ordem*, é necessário indagar qual é o lugar ocupado pela poesia e música (belas-artes) e pela vivência estética na proposta do hiponense.

Partindo da percepção visual e auditiva³³, caracterizada pela presença de algum grau universalidade quando tais sentidos são

³³ Em *O Livre Arbítrio* o hiponense, em concordância com o *D.O.*, privilegia a visão e audição, sentidos que exercitados por si mesmos, são mais universais. Na ação perceptiva relativa ao tato, olfato, e paladar necessitamos do contato direto com o objeto ou precisamos incorporá-lo organicamente. No exercício perceptivo da visão e da audição, no entanto, ocorre separação entre sujeito que percebe e objeto percebido, numa relação de maior universalidade, aberta e compartilhável, sem dependência de relação direta do órgão sensorial com a coisa sensoriada, sem a incorporação do objeto ao sujeito sensoriante. Santo Agostinho propõe hierarquia relativa à ação perceptiva destacando a presença de maior universalidade e, portanto, de maior racionalidade no exercício perceptivo-sensorial da visão e da audição. Cf. *Livre Arbítrio*, II, VII, 15-18. Trad. Nair Assis de Oliveira. Paulus, São Paulo, 1996. Doravante *D.L.A.*

atuados, somos capazes de interpretar a beleza segundo critérios matemáticos e racionais³⁴ na direção da Beleza absoluta, último critério da estimação estética³⁵. Nesse itinerário estimativo identificamos a beleza onde existe proporção, unidade e totalidade. A experiência estética, portanto, nos enviando aos critérios inteligíveis de sua interpretação e a Deus, Belo paradigmático e Suma Verdade, ao converter o esteta em filósofo, transporta a vivência do Belo ao exercício filosófico³⁶.

A vivência estética, experiência caracteristicamente humana, estimula a razão em sua peregrinação na busca de compreensão do significado de todas as coisas. A mente racional através das artes liberais, enfim, dá-se conta de que a beleza une todas as coisas, sensíveis e inteligíveis, humanas, cósmicas e divinas. A beleza não apenas une todas as coisas, enquanto expressão do providente governo da ordem, como, também, une o mundo sensível ao mundo inteligível. O esteta, pelo privilegiado caminho das artes liberais, percebe no belo, pois, privilegiado acesso a si mesmo, ao cósmico e a Deus.

A mente racional, segundo Lorenzo Mammì, ao conectar as disciplinas liberais, dá-se conta de que a beleza é o ponto de ligação existente entre o mundo sensível e o mundo inteligível³⁷. A música, exercício que une matemática e linguagem, mediadora

³⁴ Cf. relações de proporção presentes nas artes. Como se passa do ‘visível e audível’, para os critérios ‘matemáticos e racionais’? Qual a função dos números em todo o processo?

³⁵ Estimação Estética: ato de amar e julgar o Belo em todas as suas manifestações. A estimação estética descobre na Unidade Perfeita, ao avaliar as belezas sensíveis e inteligíveis, o critério último e não-predicável de seu exercício judicativo.

³⁶ Como no processo de conversão de Licencio à Filosofia (Cf. *D.O.* I VIII, 21-22), vale o alerta de Agostinho: o entusiasmo primeiro, originado da descoberta de que a Filosofia é beleza mais excelsa do que a poesia, precisa ser continuamente confirmado pelo exercício das disciplinas liberais.

³⁷ Cf. em LORENZO MAMMÌ. *Santo Agostinho, o tempo e a música*. 1998. 432 fs. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, 1998, v. 1. p. 28.

entre as artes da linguagem e as disciplinas matemáticas, é a privilegiada chave que abre a porta para o real, em suas dimensões sensível e inteligível³⁸. A beleza, epifania do divino, portanto, nos desperta, convida à reflexão e nos envia a Filosofia³⁹.

Aurélio Agostinho, pensamos, privilegia as belas-artes, notadamente, a música, no processo de constituição do humano. Afinal, as belas-artes educam o ser humano, corpo e alma, inteligência, vontade e afetos, encaminhando-o, de modo ascendente, das artes aplicadas (gramática, lógica e retórica) às artes teóricas (matemáticas: aritmética, geometria e astronomia e música), dessas à Dialética e à Filosofia, ciência da síntese por excelência, exercício racional-contemplativo, habilitador à visão de Deus, Suma Unidade. Nesse trânsito, em resumo, as belas-artes

³⁸ Se a “*Musica est scientia bene modulandi*” essa ordenação dos sons – segundo tempos e intervalos intencionados pela consciência – supõe os números inteligíveis. Na música, a beleza percebida na harmonia dos sons, frisamos, reivindica os critérios inteligíveis através dos quais, esses sons são ordenados e interpretados. Assim, no belo musical, sensível e inteligível se articulam, pois o sensível precisa ser interpretado segundo critérios inteligíveis, até porque escutamos, de fato, significados. Podemos, em consequência, afirmar: se a beleza é a porta que une o inteligível e o sensível, a música é a chave que abre essa porta. Cf. «La Música». In: *Escritos de San Agustín*. Trad. Alfonso Ortega. La Editorial Católica / BAC, Madrid, 1988. t. XXXIX, p.47-361. Livro I, II, 2. Doravante citado por *D.M.*

³⁹ Se observarmos o lugar ocupado pela música e poesia (belas-artes) na classificação das disciplinas proposta pelo retórico norte-africano, as encontraremos situadas entre as ciências da linguagem e as matemáticas. Nesse aspecto, se a música (rítmica) e poesia (métrica) encontram nas matemáticas seus critérios articuladores, no seu exercício, frisemos, descubram seu *locus* na linguagem. A música é linguagem expressiva do belo, cujo critério de articulação e interpretação é encontrado nas matemáticas. Em última instância, o critério da apreciação musical, nos remete à *Unidade Perfeita* que no *Diálogo sobre a Música* Agostinho identifica com a *Trindade Santa* (Cf. *D.M.* VI, XVI, 56). Nesse momento do *Diálogo sobre a Música* Agostinho reconhece que a *Unidade* que é a *Trindade* é indefinível ou Inefável. Segue, pois, que a contemplação musical nos remete ao Mistério de Deus que, para o hiponense, se revela e oculta em todas as coisas. A *Música*, enquanto epifania, indubitavelmente nos remete ao divino.

anunciam – pela decodificação das harmonias sensíveis segundo números inteligíveis – a Deus, Unidade Exemplar.

No contexto do *De Ordine*, especificamente na descrição das disciplinas liberais, é a beleza, presente em todas as regiões do universo, o motivo das inquirições que conduzem a razão até Deus, Beleza paradigmática. As ciências e as belas-artes, permitindo a adequada estimação do belo, estimulam o exercício da virtude, contribuindo ao embelezamento da alma pela doação de unidade à vida.

Se buscamos harmonia na poesia e na música, se procuramos decifrar o segredo das harmonias percebidas na criação, como haveremos de concordar com a dissonância em nossas vidas?⁴⁰ Inspirados pelo exercício das disciplinas liberais, especialmente pela poesia e música, em resumo, seremos estimulados a imprimir ritmo à existência e, em consequência, conquistaremos, também, uma vida segundo a virtude. Tendo unificado a alma, tornando-a bela, já na presente existência, ainda que provisoriamente, finalmente, poderemos contemplar a Deus: Sumo Belo e Unidade Perfeita⁴¹.

⁴⁰ Cf. *D.O.* II, XIX, 50.

⁴¹ O filho da África Latina declara: «Ora quando ela já se tiver harmonizado e ordenado e se tiver tornado bela e ajustada, ousará, então, ver a Deus e a própria fonte de onde emana tudo o que é verdadeiro, o próprio Pai da Verdade. Deus imenso, que olhar será esse! Quão salutar, quão amável, valioso, constante, sereno e feliz! Porém, que vêem esses olhos? Que vêem, pergunto, que haveremos de avaliar, como o avaliaremos, que diremos? [...] Nada mais direi a não ser que nos está prometido o vislumbre da beleza, por imitação da qual tudo é belo e em comparação com a qual todas as demais coisas são feias [...]» [Cum autem se composuerit et ordinaverit atque concinam pulchramque reddiderit, audebit iam Deum videre atque ipsum fontem, unde manat omne verum, ipsumque patrem veritatis, Deus Magne, qui erunt illi oculi, quam sani, quam decori, quam valentes, quam constantes, quam sereni, quam beati! Quid autem est illud quod vident? Quid quaeso? Quid arbitremur? Quid aestimemus? Quid loquamur? [...] Nihil amplius dicam nisi promittit nobis adspectum pulchritudinis, cuius imitatione pulchra, cuius comparatione foeda sunt cetera] *D.O.* II, XIX, 51.

BREVE CONCLUSÃO

As diversas disciplinas liberais, gradativamente, pelo seu continuado exercício e pela repetida indagação sobre a origem da harmonia onipresente, encaminham o ser humano à virtude pela conquista de moderada erudição. Especialmente as belas-artes, destacadamente a poesia (métrica) e a música (rítmica), despertando todos os sentidos corporais e todas as faculdades da mente, unindo homem, mundo e Deus, oferecem beleza à vida.

No projeto pedagógico do *De Ordine*, texto escrito no período de Cassiciaco e sob a influência neoplatônica, as belas-artes encontram lugar de destaque, são pensadas, propostas e cultivadas como conteúdo indispensável. É tarefa reservada às belas-artes, nesse contexto, contribuir à educação do homem total, sujeito aos desvios da vontade. No belo intencionado, o cultivador das belas-artes, encontra sentido e orientação, medida à existência, motivo para o conhecimento de si mesmo, pois as harmonias sensíveis precisam ser interpretadas segundo critérios superiores acessados desde a interioridade. Encontramos, finalmente, na recepção do Belo e de suas manifestações, razões justificadoras de vida feliz e plena, tanto quanto seja possível nesse mundo. O itinerário estético, que das coisas externas nos convida à vida interior nos envia, finalmente, a Deus, Suma Beleza aspirada.

A contemplação do ritmo em suas múltiplas manifestações, presente em todas as regiões e níveis da criação, conduz o ser humano à intimidade e a conseqüente procura de harmonia em si mesmo. A visão do Sumo Belo, entretentes, supõe o embelezamento ou harmonização da alma pela conquista da virtude. O homem, nesse processo de gradativa compreensão da harmonia exterior e realização da harmonia interior, sublinhemos, poderá contar com as artes liberais, estudo condutor à moderada erudição, contributo valioso à vida segundo a virtude.

Aurélio Agostinho, nos escritos de Cassiciáco e notadamente no *De Ordine*, testemunhou inusitada preocupação com a dimensão estética da vida. A diligente atenção dedicada pelo professor de retórica e futuro pastor às belas-artes situa, assim o concebemos, a experiência estética na centralidade da vida humana. O filho de Mônica, perspicaz educador, ao reivindicar a educação da vida interior, da vontade e da razão pelo cultivo da beleza, destaca, pioneiramente, a importância das belas-artes na formação do humano. De fato, se a realização do humano depende do acontecimento do bem pela via ética, solicita, igualmente, a efetivação do belo pelo caminho estético. Encontramos, assim, na dimensão estética da vida, conteúdo e significado insubstituíveis no itinerário da *beata vita*, no percurso da realização do humano.